

# Roraima acusa governo federal

**Governador diz que retirada de garimpeiros foi mal preparada e cria pânico**

**PLÍNIO VICENTE DA SILVA**

BOA VISTA — A confusa situação criada em Roraima, em razão do desencontro de informações sobre a retirada de garimpeiros das áreas Ianomamis, foi creditada pelo governador Romero Jucá ao governo federal, a quem criticou por não ter, até hoje, adotado providências para legalizar a garimpagem na Amazônia. Segundo ele, a atividade já vem sendo realizada há quase um século e só agora está sendo atacada pelos defensores da causa indígena e pelos movimentos ecológicos. Jucá reuniu a imprensa no Palácio 31 de Março na manhã de ontem para reclamar das notícias “desencontradas que estão provocando uma grave tensão social em Boa Vista”.

O governador negou que seja contra a retirada dos garimpeiros. “Não se pode admitir uma caçada que venha criar pânico e semear violência tanto nos garimpos quanto em Boa Vista”, disse. “Enquanto eu for governador do Estado não vou permitir que isso seja feito”, advertiu. Para ele, o governo federal se mostra totalmente despreparado para enfrentar a situação e o ônus de controle a violência e arcar com os prejuízos econômicos e sociais ficará para o governo do Estado.

Com documentos nas mãos, Jucá garantiu que jamais negou apoio à Funai e que não é verdade que o órgão ficou sem ajuda para socorrer os Ianomamis. “Quando a Funai local estava sem nenhuma condição para trabalhar, quem mandou aviões para a retirada dos doentes foi o governo do Estado e os próprios garimpeiros”, lembrou. Para o governador, o problema só será resolvido quando o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e a Funai encontrarem um meio para garantir a presença dos garimpeiros na região. “Do jeito que a Funai e o Ibama querem, ou seja, a retirada total dos garimpeiros, jamais vamos encontrar uma saída para o problema. É preciso encontrar um modelo sério para a atividade garimpeira” alertou. O governador informou que já levou ao governo federal um projeto para ordenar os garimpos no Estado, fora das áreas indígenas, mas dentro da floresta nacional.



Tuní, Ianomami de apenas dois anos, com malária: governador diz que há pânico

## Sarney recomenda ação pacífica

BRASÍLIA — O presidente José Sarney recomendou que não haja violência na operação de retirada dos garimpeiros que ocupam as terras dos índios Ianomamis em Roraima. Durante despacho ontem com o ministro da Justiça, Saulo Ramos, Sarney demonstrou insatisfação com o noticiário veiculado pela imprensa, que, segundo ele, tem mostrado a operação, como

uma ação hostil aos garimpeiros. “A intenção do governo não é esta, mas sim cumprir a Constituição Federal”, afirmou o presidente durante conversa com o ministro da Justiça, acrescentando que o objetivo da operação é fazer cessar a invasão e dar condições de trabalho ao garimpeiro em outro local.

Saulo Ramos também afirmou que a operação deverá ser

pacífica e os garimpeiros “precisam continuar trabalhando”. Ele lembrou que para isso os técnicos do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) estão no local, encarregados de encontrar outra área para abrigar os garimpeiros da região. Segundo o ministro, não se sabe ainda se essa área será na própria floresta nacional ou em outro local.

## Surto atinge a reserva suruí

CUIABÁ — Os índios da Reserva Suruí, na divisa entre Mato Grosso e Rondônia, estão sendo atingidos pela paracoccidiodimicose, uma doença de difícil detecção, muito parecida com a tuberculose. A informação foi dada ontem, em Cuiabá, pelo superintendente regional da Funai, José Silvério da Silva. Uma equipe de profissionais da Fundação Oswaldo Cruz, ligada ao Ministério da Saúde, viajou ontem para a reserva, com o objetivo de realizar uma análise sorológica em todos os índios suruí.

No ano passado, um índio dessa tribo morreu por causa da doença. Ele vinha sendo tratado como se tivesse tuberculose, quando a paracoccidiodimicose foi descoberta, já era muito tarde.

Agora, a Funai e a Fiocruz assinaram convênio para tratar as duas doenças. O médico Carlos Coimbra, que chefiava a equipe da Fiocruz, disse que a doença é causada por um fungo encontrado nas florestas tropicais que se aloja nos pulmões e se transforma em parasita, alastrando-se por todo o corpo até

causar a morte. O doente sente dores no peito e escarrega sangue. Segundo Coimbra, nem mesmo os exames de Raios-X detectam o parasita.

Suspeita-se que o aparecimento da doença esteja ligado a transformações ecológicas e à troca de culturas agrícolas na região. O arroz e o milho estão sendo substituídos pela cultura do café, que exige manuseio diário. O parasita que causa a doença encontra-se na poeira do café e na causada pelo desmatamento.